

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN: 2446-7014

Rio de Janeiro, 18 de maio de 2017

Número 53



CENTRO DE ESTUDOS POLÍTICO-ESTRATÉGICOS
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA (NAC)

BOLETIM GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal vinculada ao Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), do Centro de Estudos Político-Estratégicos (CEPE) da Marinha. O NAC possui o objetivo de acompanhar a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de ampliar o conhecimento por meio da elaboração deste boletim, além de outros produtos que porventura venham a ser demandados pelo Estado-Maior da Armada.

Para isso, o grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas de conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporciona uma análise ampla de contextos e cenários geopolíticos e, portanto, um melhor entendimento dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como, seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Esse Boletim tem como objetivo publicar artigos compactos tratando de assuntos da atualidade e, eventualmente, de determinados temas de caráter geral sobre dez macrorregiões do Globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ainda, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”, voltada a artigos que abordam assuntos não relacionados, especificamente, a uma das regiões supracitadas.

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do Núcleo de Avaliação da Conjuntura do CEPE e submeta seu artigo contendo, no máximo, 350 palavras ao processo avaliativo. A avaliação é feita por pares, sem que os revisores tenham acesso ao nome do autor (*blind peer review*). Ao fim desse processo, o autor será notificado via e-mail de que seu artigo foi aceito (ou não) e que aguardará a primeira oportunidade de impressão.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil (21) 2546-9394

E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Aos cuidados do Editor Responsável do Boletim Geocorrente.

CONSELHO EDITORIAL

Editor Responsável

Leonardo Faria de Mattos (EGN)

Editor Científico

Francisco Eduardo Alves de Almeida (EGN)

Editores Adjuntos

Felipe Augusto Rodolfo Medeiros (EGN)

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Luciane Noronha Moreira de Oliveira (EGN)

Noele de Freitas Peigo (FACAMP)

Pesquisadores do Núcleo de Avaliação da Conjuntura

Adriana Escosteguy Medronho (EHESS)

André Figueiredo Nunes (ECEME)

Ariane Dinalli Francisco (Universität Osnabrück)

Beatriz Mendes Garcia Ferreira (UFRJ)

Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (UFRJ)

Catharine Simões (UERJ)

Daniel Santos Kosinski (UFRJ)

Dominique Marques de Souza (UFRJ)

Ely Pereira da Silva Júnior (UERJ)

Franco Aguiar de Alencastro Guimarães (PUC - Rio)

Gabriela Mendes Cardim (UFRJ)

Gabriela da Conceição Ribeiro da Costa (UERJ)

Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)

Giulianna Anveres (PUC-Rio)

Jéssica Pires Barbosa Barreto (UERJ)

João Victor Marques Cardoso (UFF)

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)

Lais de Mello Rüdiger (UFRJ)

Larissa Marques da Costa (UFRJ)

Louise Marie Hurel Silva Dias (PUC - Rio)

Luciane Noronha Moreira de Oliveira (EGN)

Luma Teixeira Dias (UFRJ)

Marcelle Siqueira Santos (UERJ)

Marcelle Torres Alves Okuno (IBMEC)

Matheus Souza Galves Mendes (UFRJ)

Pedro Allemand Mancebo Silva (UFRJ)

Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Universidade de Santiago)

Pedro Mendes Martins (UERJ)

Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)

Rebeca Vitória Alves Leite (UFRJ)

Stefany Lucchesi Simões (UNESP)

Taynara Rodrigues Custódio (UFRJ)

Thaís Abygaëlle Dedeo (UFRJ)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFRJ)

Vinicius de Almeida Costa (EGN)

Vinicius Guimarães Reis Gonçalves (UFRJ)

Vivian de Mattos Marciano (UFRJ)

Os textos contidos nesse Boletim são de responsabilidade única dos pesquisadores do NAC, não retratando a posição da Escola de Guerra Naval e nem da Marinha do Brasil.

SUMÁRIO

Política Argentina em perspectiva: o plano doméstico frente ao internacional.....	Pág. 2
Os novos interesses da Rússia no Caribe.....	Pág. 2
Golfo da Guiné na contramão do mundo.....	Pág. 3
Rumo ao mar - a estratégica ferroviária Adis Abeba-Djibuti.....	Pág. 3
Os desafios da renovação europeia.....	Pág. 4
A crise política líbia: perspectivas otimistas em um ambiente hostil.....	Pág. 5
Rei Salman visita o Leste Asiático: ganhos econômicos e políticos.....	Pág. 5

O desfile do Dia da Vitória e a modernização do poder militar russo.....	Pág. 6
..Iniciativa Belt and Road: Projeto de Potência.....	Pág. 6
Quais são os próximos passos para a Península Coreana?.....	Pág. 7
Conflito Irã-Paquistão: consequências para a política externa do Paquistão.....	Pág. 7
Navios de guerra da China visitam as Filipinas.....	Pág. 8
Índia prepara lei para expandir seus interesses na Antártica.....	Pág. 8
O elefante branco: WannaCry e a governança da cibersegurança.....	Pág. 9
Artigos selecionados e notícias de Defesa.....	Pág. 10
Referências.....	Pág. 11

Política Argentina em perspectiva: o plano doméstico frente ao internacional

Luma Dias

Como o contexto nacional pode ajudar um analista a entender os rumos da condução da política externa de um país? E, ainda, é possível que um governo tenha níveis de prestígio diferentes, respectivamente, entre a comunidade internacional e a população, nos planos externo e interno? No caso da Argentina, este texto pretende explicar o atual panorama da gestão de Mauricio Macri, elucidando seus desafios e suas conquistas nestes dois planos.

A situação político-econômica da Argentina hoje é complexa: nos últimos meses, destacam-se as manifestações dos professores, que lotam a Plaza de Mayo, ao reivindicarem aumento dos salários acima da inflação, cenário de revolta que culminou com a organização de outros setores em torno de greves gerais pelo país, convocadas pela Confederação Geral do Trabalho (CGT). A oposição tampouco permanece isenta de críticas: ao sul, a província de Santa Cruz, região estratégica por sua posição fronteiriça com o Chile e pelo acesso à Patagônia, também se faz importante por ser o berço do Kirchnerismo. Atualmente, Alicia Kirchner, irmã do ex-Presidente Néstor, é governadora da região e sofre retaliações pesadas da população devido à crise econômica que os assola. Ou seja, as duas frentes políticas do país são alvos de insatisfação e sofrem impopularidade, deixando em aberto as previsões para as eleições legislativas de outubro.

Ao mesmo tempo em que o país passa por recessão, tem-se o quadro da política externa: Buenos Aires recebeu o Fórum Econômico Mundial sobre a América Latina, fomentando a integração dos blocos envolvidos no encontro. Nesse âmbito, o governo adotou medidas significativas para retirar a Argentina da posição de isolamento, e trazê-la de volta ao protagonismo. De maneira ativa, mantém-se construindo o futuro do Mercosul, ao mesmo tempo em que se atenta ao México e à Colômbia, numa tentativa de reatar planos que surgiram com a Aliança do Pacífico. Ademais, a relação historicamente pendular com os Estados Unidos – de proximidade a Washington D.C. no governo Menem e de ruptura a partir dos Kirchner – também parece ter sido abandonada, em prol de objetivos pragmáticos, o que lhes rende maiores oportunidades comerciais.

Pode-se concluir que o papel múltiplo assumido pela Argentina em matéria de Relações Internacionais coloca o Presidente Macri e sua equipe - com destaque para a liderança da chanceler, Susana Malcorra - em uma posição de prestígio, como há muito tempo não se olhava o país. No entanto, internamente, a estagnação da economia e as questões sociais são sinais de possíveis conflitos, que trazem à reflexão de qual estratégia o governo adotará para conciliar estes dois caminhos: o doméstico e o internacional.

AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL

Os novos interesses da Rússia no Caribe

Marcelle Santos

Este mês, a Rússia assinou contratos para suprir a alta demanda cubana por diesel e petróleo, no momento em que o principal parceiro da Ilha, a Venezuela, está em profunda crise. No período da Guerra Fria, havia grande cooperação entre os soviéticos e o Caribe. Com o fim da ex-União Soviética, a América Latina deixou de ser prioridade para Moscou. Todavia, atualmente, a agenda bilateral está sendo revista. Também recentemente, Anatoly Panchuk, deputado diretor do Serviço de Cooperação Federal Técnico, anunciou que a Rússia irá financiar, no longo prazo, a modernização da indústria de defesa cubana, após a assinatura, no dia 9 de dezembro, de acordos sobre o tema.

A pesquisadora Hannah Thorburn, do Hudson Institute, em palestra para o Wilson Center, resumiu bem os atuais interesses russos na América Latina. Primeiro, os russos estão interessados em comércio, no âmbito da indústria de armamentos, buscando parceiros não convencionais. Em 2016, por exemplo, o governo da Nicarágua comprou tanques russos por 80 milhões de dólares, o que gerou críticas por parte de deputados estadunidenses. A exploração científica e a cooperação para uso pacífico de material nuclear são outras áreas significativas para os interesses russos; assim como o campo da segurança alimentar, envolvendo Argentina e Brasil – principalmente após as sanções da Rússia às importações de alimento de países da Europa, a par-

tir de 2015. Contudo, segundo o especialista Vladimir Rouvinski, da Universidade de Icesi, apenas o comércio não seria razão suficiente para explicar o aumento do envolvimento de Moscou na região.

Somente uma afirmação parece ser vista como unânime: a Rússia quer aumentar sua área de influência. Vladimir Putin vem atuando em uma espécie de “Make Russia Great Again” e, para isto, é importante se fazer presente em diversas regiões. A escolha pela América Latina se deve ao fato desta ser considerada um campo tradicional de influência dos Estados Unidos. Desta forma, a presença russa ajudaria a contrabalançar os interesses norte-americanos na região. O apoio da região pôde ser visto no caso recente da Geórgia, em que Nicarágua e Venezuela se manifestaram em favor de Moscou. Além disso, é mais um país disposto a contrapesar a presença chinesa no continente. O Estado russo possui uma visão de médio a longo prazo ao considerar que, mesmo a região não sendo essencial no momento, este quadro pode se inverter no futuro, caso as relações com os Estados Unidos se deterioreem ainda mais.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Golfo da Guiné na contramão do mundo

Vivian Mattos

Segundo o relatório anual do ano passado sobre pirataria e roubo armado contra navios da International Maritime Bureau (IMB), os casos dessa natureza têm diminuído no mundo inteiro, com exceção das Filipinas e da região do Golfo da Guiné. Os casos na África Ocidental aumentaram de 54, em 2015, para 95, em 2016, de acordo com o The State of Maritime Piracy 2016, da Oceans Beyond Piracy (OBP). A maioria dos ataques concluídos no Golfo da Guiné foi realizado na Zona Econômica Exclusiva da Nigéria, fazendo com que o governo nigeriano aprovasse US\$ 186 milhões para a compra de material bélico para o combate à pirataria, ao roubo armado, à pesca ilegal, dentre outros crimes que afetam a segurança marítima da região.

O relatório da OBP mostra que o número de tripulantes de embarcações mercantes afetados pela pirataria e por roubo armado subiu de 1.225, em 2015, para 1.921, em 2016, um crescimento de aproximadamente 57%. O aumento da periculosidade nas águas da África Ocidental fomenta a utilização de novos instrumentos de segurança nas embarcações que trafegam na região, sendo eles: a contratação de serviços de segurança privada armada, as escoltas feitas por embarcações armadas para aproximação dos portos e atracação, e a implementação de mecanismos de proteção na própria estrutura dos navios. Isso ocasionou a securitização do comércio marítimo regional e da indústria naval mercante, encarecendo, assim, a circulação no Golfo da Guiné e a comercialização com os países da região. Consequentemente, a insegurança na região poderá repelir o comércio regional, deslocando-o para outros pontos mais seguros do globo.

Ademais, apesar do esforço econômico e militar despendido pela Nigéria, o país e os demais Estados constituintes do Golfo da Guiné têm problemas para julgar crimes marítimos, uma vez que nenhum deles tem legislação rígida contra a pirataria e o roubo armado, bem como nenhum instrumento para concretizar uma jurisprudência efetiva. Dessa forma, a inexistência de meios legais punitivos não só contribui para o aumento dos casos – tendo em vista a impunidade – como dificulta a condenação dos que praticam tais atos.

Rumo ao mar - a estratégica ferrovia Adis Abeba-Djibouti

Franco Alencastro

Foi dada como completa a construção da ferrovia que conecta Adis Abeba, capital da Etiópia, à cidade de Djibouti, capital do país de mesmo nome. A ferrovia tem 750 quilômetros de comprimento, e promete fazer em 10 horas um trajeto que, até sua inauguração, podia levar três dias. A estrada de ferro foi construída por duas empresas chinesas, a um custo de US\$ 4,2 bilhões, e deverá incrementar em muito o comércio internacional da Etiópia. Estima-se que 90% de todo o comércio internacional do país passe pelo porto de Djibouti, cifra que deve aumentar ainda mais em termos absolutos (senão relativos), com o ganho de eficiência proporcionado pela estrada.



Foto: BBC News

A estrada de ferro é parte do plano de investimento em infraestrutura da China na região do Chifre da África. O porto de Djibouti – na verdade, um complexo de portos na capital e em suas adjacências – terá sua capacidade ampliada com a construção de sete novos terminais, a um custo de US\$ 884 milhões, levando autoridades locais a falar do projeto como o nascimento de uma “Cingapura Africana”. Firms chinesas estão, ainda, envolvidas na construção de dois aeroportos internacionais, que deverão possibilitar a utilização de grandes aviões inclusive para a recém-reinaugurada empresa Air Djibouti, 15 anos após seu encerramento.

A atenção internacional tem se voltado para a “Nova Rota da Seda”, a rede de projetos de infraestrutura financiados pela China no continente eurasiático, com o intuito de facilitar o escoamento de seus produtos e assegurar o abastecimento de suas indústrias com matérias-primas. A África, comparativamente, é pouco explorada nesses debates e, no entanto, parece ser um palco vital para a estratégia chinesa. Os investimentos no Chifre da África se conjugam com o “Colar de Pérolas”, a construção pela China de instalações portuárias no Oceano Índico, na facilitação do transporte de matérias-primas da África até a China. Quanto à Etiópia, que possui uma das economias de crescimento mais rápido na África – sua economia cresceu por ano 10,9%, em média, no período de 2004 a 2014 – o trem deve continuar acelerando.

EUROPA

Os desafios da renovação europeia

Thais Dedeo

Eleito com 66% dos votos, o novo presidente da França, Emanuel Macron, assumiu o cargo no último domingo e teve a Alemanha como destino da primeira visita de Estado nessa segunda-feira, para discutir com a Chanceler Merkel como relançar o motor franco-alemão, considerado por muitos como central para a maquinaria da União Europeia (UE). A vitória de Macron foi de grande alívio para a Europa, que enfrenta a ascensão de partidos eurocéticos, já que uma de suas propostas seria uma renovação na integração socioeconômica e de segurança, assim como a defesa dos valores democráticos na UE.

Entretanto, essa possível renovação da UE deve enfrentar grandes desafios. Primeiro, as eleições legislativas francesas se darão em junho e o movimento de Macron recém transformado em partido político deverá conquistar a maioria para que consiga aprovar suas reformas e, assim, relançar a economia. Segundo, assim como na França, os alemães deverão eleger um candidato europeísta em setembro. E, por último, seguem as negociações do Brexit ainda indefinidas. Se Macron conquistar a maioria no Parlamento, ele terá uma voz mais forte e legítima na defesa da UE perante os líderes que demonstraram certa hostilidade ou desprezo ao bloco, como Vladimir Putin, Donald Trump ou Erdoğan na Turquia. A próxima conferência dos líderes da OTAN, no dia 25, em Bruxelas, e a do G7, nos dias 26 e 27 deste mês, na Itália, constituem as primeiras oportunidades de observar o arranjo político que se desenha para os próximos anos.

A linha da política externa de Macron ainda não está clara, mas sua prioridade parece ser preservar a unidade e segurança da UE, sem descartar a importância do Reino Unido em questões de defesa. Macron sugere a criação de um Quartel General Europeu para tomadas de decisões conjuntas, além de ressuscitar um Conselho de Defesa Franco-Alemão. Ademais, propõe programas de pesquisa e tecnologia militar lançados em âmbito europeu, para reduzir a dependência destes *vis a vis* aos equipamentos estadunidenses, devido à imprevisibilidade da nova administração Trump.

Paris e Berlim nem sempre estiveram de acordo em questões econômicas ou problemas de segurança, mas precisarão se comprometer para garantir que a renovação possa ser feita.

A crise política líbia: perspectivas otimistas em um ambiente hostil

Pedro Kilson

O Acordo Político Líbio não logrou um cenário de estabilidade que abarcasse a complexidade do quadro regional e efetivasse medidas sólidas para a superação dos gargalos socioeconômicos. Nesse sentido, o desenrolar da crise líbia é de caráter multifacetado e, portanto, alternativas de resolução que desconsiderem a pluralidade dos atores e interesses estratégicos não apresentam sucesso. No entanto, no dia 02 de maio, um diálogo foi estabelecido entre os líderes dos dois principais eixos de poder que disputam a hegemonia regional: Faiez al-Serraj, representante da coalizão implementada pela ONU, e o General Khalifa Hafta, líder militar da frente paralelamente implantada. A princípio, o encontro fomenta abordagens otimistas no tocante à paz, porém também acaba por descortinar as fissuras que inviabilizam uma efetiva unidade nacional e coesão social.

Não obstante a simbologia do encontro entre os líderes, bem como a essencialidade das premissas estabelecidas, tais quais unicidade no âmbito das Forças Armadas, eleições para 2018, políticas antiterroristas e reestruturação política, o cenário líbio permanece hostil. Entretanto, justamente a personificação dos imbrólios políticos inviabiliza a concretização de um acordo amplo e representativo. A principal questão refere-se à reestruturação do Presidency Council (PC), entidade fundamentada pela ONU e dirigida por al-Serraj desde março de 2016, alegadamente silenciando as demandas de Hafta. A questão da não-submissão das Forças Armadas ao conjunto civil permeia as discordâncias, destoando de uma das principais reivindicações populares. Ademais, o cenário de ruptura social descarta a possibilidade de coordenação de eleições livres e democráticas, enfraquecendo simbolicamente uma das principais diretrizes do Acordo Nacional.

A ausência de consenso, por parte de atores globais, cidadãos líbios e autoridades regionais, acerca do arranjo de poder que se estabeleceria após a dissolução do Governo transitório do Acordo Nacional consolida mais uma variável de instabilidade. No âmbito econômico, uma vasta crise agrava-se em decorrência das baixas receitas oriundas do petróleo, que tem por consequência o aumento vertiginoso da miséria e da precarização social.

Rei Salman visita o Leste Asiático: ganhos econômicos e políticos

André Nunes

Entre os dias 25 de fevereiro e 18 de março deste ano, o Rei saudita Salman bin Abdulaziz Al Saud esteve em visita oficial a seis países do Leste asiático, com o intuito de promover e consolidar as relações do Reino com os países da Ásia-Pacífico.

É possível analisar a visita do monarca à região levando em consideração dois grupos de países. O primeiro composto por China e Japão, dois grandes parceiros comerciais da Arábia Saudita que, no ano de 2015, representaram cerca de 21% do total de importações desse Estado. Em visita a ambos os países, a comitiva saudita teve como objetivo fechar acordos comerciais e garantir investimentos para o desenvolvimento econômico do Reino, incluindo a venda de uma participação na petrolífera estatal Saudi Aramco. Cabe ressaltar que a Arábia Saudita é o maior fornecedor de petróleo para os japoneses e o segundo maior para os chineses, tendo perdido a primeira posição para a Rússia em 2016.

Com a China, o maior parceiro comercial dos sauditas, o Rei Salman celebrou acordos de cooperação e investimentos que chegam aos US\$ 65 bilhões e que abrangem os setores energético, espacial, entre outros. Os acordos incluíram um memorando de entendimento para a construção de refinarias e fábricas de produtos químicos na China, bem como uma parceria na fabricação de drones e a participação de Riad na missão de exploração lunar Chang'e-4, planejada para 2018.

O segundo grupo de países, composto por Malásia, Indonésia, Brunei e Maldivas (esta localizada no Índico), todos de maioria sunita e afiliados da Organização para a Cooperação Islâmica, são Estados onde os sauditas procuram aumentar sua influência política por meio da retórica religiosa. A cooperação militar

também foi debatida com esses países, já que Maldivas e Malásia são membros da Aliança Militar Islâmica, liderada pelos sauditas para o combate ao terrorismo, e a Indonésia é uma apoiadora da Aliança.

A visita do Rei Salman ao Leste Asiático pode trazer benefícios econômicos e estratégicos para a Arábia Saudita que, além do setor petrolífero, tem buscado desenvolver outros setores de sua economia e expandir sua influência política para além do Oriente Médio.

RÚSSIA E EX-URSS

O desfile do Dia da Vitória e a modernização do poder militar russo

Pedro Martins

No dia 9 de maio foi comemorado na Federação Russa o Dia da Vitória, festividade que celebra o triunfo sobre a Alemanha nazista na “Grande Guerra pela Pátria” (entre 1941 e 1945). Além de celebrações e homenagens como o “Regimento Imortal”, uma procissão de familiares dos veteranos da guerra, ocorreu um desfile militar que contou com a participação de 90.000 militares.

No evento, também foi realizada a tradicional exibição de armamento militar russo, inovada ao apresentar os novos equipamentos para o Ártico: o sistema antimísseis Pantsir-SA e o sistema de mísseis balísticos Tor-M2DT, bem como os tanques T-14 Armata e T-72. Esta apresentação evidencia um esforço por parte de Moscou para renovar o seu equipamento militar, que data dos anos finais da Guerra Fria.

Outro exemplo de atualização do *hard power* russo são os planos para a modernização do único navio-aeródromo do país, o “Almirante Kuznetsov”, e a inclusão do projeto de um novo no Plano de Armamento Militar de 2019 a 2025, com expectativa de ficar pronto em 2030. O “Almirante Kuznetsov” foi comissionado nos anos 1990 pela Marinha soviética e tem atuado desde então na Frota do Ártico russo, exceto em um período que atuou no Mediterrâneo auxiliando na campanha na Síria. Com a modernização, prevista para ser iniciada ainda neste ano, o “Almirante Kuznetsov” poderá carregar até 90 aviões (e não mais os seus atuais 30), bem como diminuirá o tempo de decolagem das aeronaves. Já o novo navio-aeródromo, batizado de “Shtorm”, de propulsão nuclear, terá os mesmos parâmetros que o navio-aeródromo “Gerald Ford”, da Marinha americana, e deverá custar até US\$ 17,5 bilhões.

Dessa forma, percebe-se que a Rússia empenha-se para trazer seu poderio militar para suas necessidades contemporâneas, a fim de se manter um *global player* no cenário mundial, muito embora o baixo crescimento econômico vivenciado pelo país nos últimos anos possa ser considerado um empecilho a esse esforço.

LESTE ASIÁTICO

Iniciativa Belt and Road: Projeto de Potência

Philippe Alexandre

O presidente chinês Xi Jinping recebeu líderes de 29 países, entre eles o Presidente russo Vladimir Putin e delegados de 110 outros países em Pequim, nos dias 14 a 15 de maio, em um dos eventos mais esperados pelo governo: o *Belt and Road Forum*. A Iniciativa *Belt and Road*, cujo anúncio se deu em 2013, consiste em proporcionar à China maior peso no cenário internacional. Dois componentes principais formam o projeto: um corredor terrestre composto por estradas, ferrovias e gasodutos, com o fim de conectar a China à Ásia Central, ao Oriente Médio e à Europa; e uma via marítima que perpassa o Oceano Índico, em direção ao Mar Mediterrâneo. Funcionalmente, a iniciativa visa melhorar infraestruturas, garantir a segurança energética a Pequim e estreitar laços econômicos, políticos e culturais. Geograficamente, abrange 65 países que compreendem cerca de 70% da população mundial; e, economicamente, envolve investimentos chineses próximos a 4 trilhões de dólares. Ao fim, todos os sinais apontarão para o empreendimento ambicioso de “um futuro onde todas as estradas levam a Pequim”.

Na sequência do encontro, no mês passado, na Flórida, entre Xi Jinping e Donald Trump, o Fórum representa uma etapa da série de eventos projetados para expor a liderança internacional do governo chinês, além de mostrar sua força no âmbito da política doméstica. No 19º Congresso do Partido, previsto para

outubro, o líder chinês espera reformular o Comitê Central do Partido Comunista ao seu próprio interesse, o que lhe garantirá ainda maior primazia na China. O Fórum também deu a Xi Jinping uma possibilidade de ajustar e promover ainda mais o projeto *Belt and Road* – por exemplo, demonstrando como a iniciativa pode servir de plataforma integrativa e cooperativa a outros fóruns de grande importância para Pequim, como a Organização de Cooperação de Xangai (OCX), os BRICS e o Fórum sobre Cooperação China-África (FOCAC, sigla em inglês).

É mais uma etapa da estratégia de maior inserção internacional da China, reforçando as inquietações sobre a reação dos EUA a esse aumento do protagonismo chinês. Em artigo publicado no final do ano passado, o Professor Graham Allison alertou para a chamada “Armadilha de Tucídides”, levantando a hipótese de que os EUA, como ocorreu com Esparta em relação ao crescimento de Atenas, podem perceber a China como uma ameaça e reagir militarmente, como ocorreu na Guerra do Peloponeso, 400 a.C. Cabe ponderar, todavia, até que ponto tal questão seria válida nos dias atuais, considerando a maior interdependência entre as economias globais.

Quais são os próximos passos para a Península Coreana?

Marcelle Torres

Após 10 anos, a eleição presidencial da Coreia do Sul marca o retorno dos liberais ao poder. Com 41,1% dos votos, Moon Jae-in conquistou o maior apoio dos jovens sul-coreanos que optaram pela mudança e pretende manter o crescimento, a riqueza das grandes empresas sul-coreanas e melhorar a transparência da gestão presidencial. Entretanto, Moon pode encontrar algumas barreiras na Assembleia Nacional, já que a oposição detém o maior número de assentos. Questões como o crescimento econômico, a criação de empregos e a segurança nacional foram ressaltadas nas pesquisas de sondagens de votos.

Durante a última década, o diálogo intercoreano, o intercâmbio econômico e a cooperação foram reduzidos devido ao ambiente de animosidade e falta de segurança na região, principalmente pela busca da Coreia do Norte por armas nucleares e contínuos lançamentos de mísseis balísticos. O Presidente Moon promete retomar os laços comerciais com a Coreia do Norte, mas também trabalhar aliado aos EUA quanto às ameaças em termos de segurança e defesa nacional.

Em meio à participação de seu chanceler na cúpula internacional sobre a nova Rota de Seda, a Coreia do Norte realizou um novo lançamento, o foguete Hwasong-12, em direção ao Mar do Leste, o qual alcançou uma altitude acima de 2 mil km e percorreu uma distância de mais de 700 km. Segundo especialistas, se tivesse sido lançado no ângulo normal poderia ter atingido a base da Força Aérea dos EUA em Guam. Apesar de ser membro da Organização Marítima Internacional, a Coreia do Norte não avisou a agência sobre seu lançamento, o décimo deste ano.

Conter essa escalada militar na península parece ser o maior desafio para o novo presidente coreano, exigindo dele ações efetivas, antes que o conflito militar seja irreversível.

SUL DA ÁSIA

Conflito Irã-Paquistão: consequências para a política externa do Paquistão

Rebeca Leite

No dia 8 de maio, o chefe do Exército iraniano ameaçou intervir nos refúgios de grupos sunitas anti-xiitas situados em solo paquistanês, após a morte de dez soldados que faziam a guarda, na fronteira com o Paquistão. O episódio ocorreu uma semana depois da visita do Ministro das Relações Exteriores do Irã à Islamabad, na qual solicitou combate efetivo aos grupos militantes na província de Sistan-Baluchistão.

Esse fato aponta para mais um fator que tensiona a relação do Paquistão com o Irã, ascendendo, recentemente, para um nível mais hostil. Isso decorre, principalmente, da participação paquistanesa na Aliança Militar Islâmica, que também incorpora a Arábia Saudita, um antigo desafeto iraniano, enviando o ex-chefe das Forças Armadas do Paquistão para comandar a organização supracitada. A tentativa de manter laços estreitos, em temas de segurança, com a Arábia Saudita, coloca em xeque as relações cordiais com Teerã, que mantém desconfiança sobre os reais propósitos da aliança, ao passo que Islamabad não avança no combate ao suspeito financiamento saudita a grupos extremistas sunitas, que realizam ataques na fronteira com o Irã.

Pode-se considerar, também, que tal animosidade entre ambos pode abrir caminhos para a maior aproximação entre Irã e Índia. Esses países já estão trabalhando em conjunto no desenvolvimento do porto iraniano em Chabahar, articulando rotas marítimas, ferroviárias e rodoviárias que possibilitam à Índia isolar o Paquistão. Dessa forma, apesar de Teerã e Islamabad terem laços históricos amistosos, recentemente, as rivalidades regionais parecem estar afetando a relação bilateral.

Em razão disso, é possível observar a incapacidade do Paquistão de manter boas relações com o Irã e países aliados devido, sobretudo, à ineficiência em lidar com grupos terroristas que mantêm refúgios em solo paquistanês. Assim, o país precisa criar meios para lidar com as tensões crescentes, de forma que não prejudique ainda mais sua condição de isolamento no atual contexto internacional.

SUDESTE ASIÁTICO E OCEANIA

Navios de guerra da China visitam as Filipinas

Vinicius Costa

O dia primeiro de maio de 2017 foi marcado por um importante fato na região do Sudeste Asiático: a visita e atracação de navios de guerra da Marinha do Exército de Libertação Popular da China às Filipinas, depois de sete anos sem ocorrer.

Tal fato se deu logo após ao Association of Southeast Asian Nations (ASEAN) Summit, ocorrido em Manila, onde estiveram presentes três navios de guerra chineses: uma fragata, um contratorpedeiro de mísseis guiados, e um navio de apoio logístico. A atracação ocorreu na província de Davao, de onde se origina o presidente filipino Rodrigo Duterte, que fez questão de visitar os navios.

A questão da soberania no Mar do Sul da China chegou a ser incluída, no âmbito da reunião supracitada, por Vietnã, Cingapura e Malásia. No entanto, o tópico foi desencorajado pelas Filipinas, o que agradou os chineses.

A visita dos navios de guerra chineses às Filipinas expõe um importante precedente para uma aproximação maior no campo da segurança e defesa entre ambos os países, dentro da nova orientação política e estratégica planejada por Duterte, que passa a almejar a China continental como parceira preferencial. Isto porque, apesar do estreitamento econômico entre os dois Estados, o campo da defesa e segurança segue distante por conta das tensões no Mar do Sul da China e dos históricos laços entre os militares filipinos e norte-americanos. Cabe acompanhar se esse movimento é uma iniciativa unilateral de Duterte ou efetivamente do Estado filipino, com apoio de seus chefes militares.

ÁRTICO E ANTÁRTICA

Índia prepara lei para expandir seus interesses na Antártica

Gabriele Hernández

No começo de maio, o Ministério de Geociências da Índia (MoES) afirmou que o país está preparando uma nova lei para a Antártica, o *Antarctica Act*, a fim de salvaguardar seus interesses e promover nova regulamentação nas atividades indianas no sexto continente.

A presença indiana na região data do início da década de 1980, quando o país aderiu ao Tratado da Antártica e fincou sua bandeira na primeira base, Dakshin Gangotr, desativada em 1989. Desde então, outras duas estações foram ativadas, Maitri (1984) e Bharati (2012), e foi construído um navio de pesquisa oceânica, o ORV Sagar Nidhi. O ministro também indicou a criação de nova base para substituir Maitri nos próximos anos. As pesquisas indianas na região são coordenadas pelo *National Centre for Antarctic & Ocean Research* (NCAOR), sob direção do MoES, que conta com participação de universidades em pesquisas científicas e expedições anuais, e apoio logístico da Marinha indiana.

Opais tem investido cada vez mais no aproveitamento de recursos marítimos em grandes profundidades, especialmente no setor energético, por meio do Oceano Índico, com grandes investimentos em pesquisas geológicas. É de conhecimento que, no passado, a Antártica fez parte do supercontinente Gondwana, ao lado da Índia, gerando indícios de que minerais preciosos, como os já encontrados no país sul-asiático,

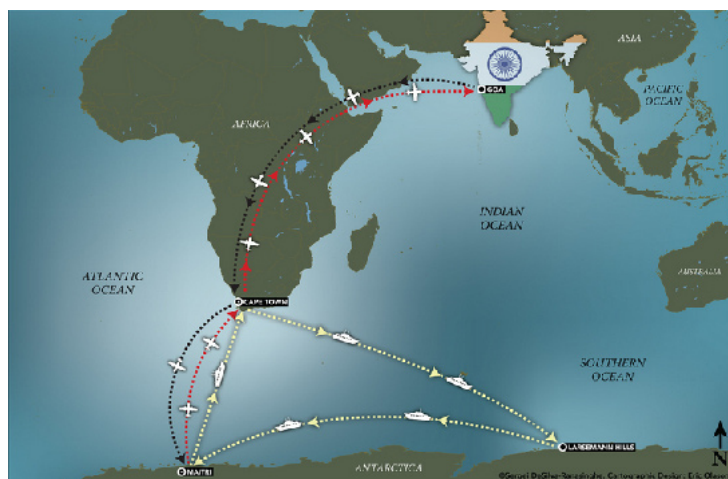


Foto: Eric Olason

também estejam presentes sob o gelo antártico. Outro ponto interessante ao país é a influência do degelo antártico no aumento do nível dos mares do Oceano Índico, o que pode acarretar a inundação de diversas cidades indianas.

Em 2015, a *Gujarat National Law University* entregou dois rascunhos ao MoES referentes a questões marítimas: um sobre mineração em águas profundas oceânicas e outro sobre a Antártica, ambos interligados. A exploração de recursos minerais do fundo do mar para fins energéticos ainda é pequena na Índia, mas, com as mudanças econômicas do Primeiro Ministro Narendra Modi, essa prática

pode estar prestes a tomar novos rumos. O próximo passo é saber como os outros países receberão a questão indiana.

TEMAS ESPECIAIS

O elefante branco: WannaCry e a governança da cibersegurança

Louise Marie Hurel

No dia 12 de maio, computadores em diversos países depararam-se com a mensagem de que seus arquivos tinham sido bloqueados pelo ransomware WannaCry - e só poderiam ser resgatados mediante o pagamento de 300 bitcoins. Ao explorar vulnerabilidades do sistema (desatualizado) operacional do Windows, o malware atingiu 150 países em aproximadamente 48h. Os ataques atingiram sistemas de saúde no Reino Unido, computadores em órgão públicos no Brasil, entre outros setores na Rússia, China, Ucrânia e Taiwan.

Dentro desse contexto, a relação entre a Microsoft e a National Security Agency permanece em aberto. Apesar de a Microsoft ter lançado a atualização do sistema, corrigindo a falha (exploit Eternal Blue), em março, os computadores que não se atualizaram permaneceram expostos à ameaça. No mês seguinte, o grupo The Shadow Brokers (TSB) vazou uma lista de hacking tools da NSA que incluía uma vasta gama de vulnerabilidades de versões do Windows, o que indica a possibilidade de a Microsoft ter sido informada dos exploits antes do TSB.

A questão da segurança é uma que corta transversalmente, mas que permanece intimamente associada à regulação e desenvolvimento do setor privado desde a concepção da Internet. Sendo assim, o desafio da segurança cibernética não se restringe ao papel dos Estados, mas deve ser visualizado como parte de uma complexa rede de interações sócio técnicas entre diferentes setores e grupos de atores. Em fevereiro, a Microsoft propôs o estabelecimento de uma Convenção de Genebra Digital e, desde 2016, tem se engajado como norms entrepreneurs na tentativa de consolidar normas para o comportamento e cooperação na área da segurança cibernética. Em resposta ao WannaCry, a empresa reforçou a responsabilidade compartilhada entre os atores na governança da cibersegurança.

No Brasil, o campo da governança da cibersegurança também é composto por interações entre os CERTs, CSIRTs, Polícia Federal – no que diz respeito ao combate aos crimes cibernéticos –, CDciber, agências de segurança intergovernamentais e empresas privadas (nacionais e transnacionais).

Evidente se faz a necessidade de promover mecanismos de cooperação nas diferentes camadas – nacional, regional, internacional e operacional, política, econômica e social – da governança da segurança cibernética para responder a incidentes como esse. O caso do WannaCry aponta, mais uma vez, para a fragmentação e incomensurabilidade dos riscos da era conectada. Apesar da escala e o impacto sem precedentes, o incidente remete a problemas antigos que se referem à atualização de sistemas, educação da população, coordenação de esforços e inevitáveis falhas no desenvolvimento de códigos. Por fim, o incidente denota a centralidade do grande elefante branco que tem se tornado a segurança cibernética e a inegável necessidade de se pensar as formas pelas quais esse campo (riscos e oportunidades) está se desenvolvendo.

- PROJECT SINDICATE
Information Warfare Versus Soft Power - *By: Joseph S. Nye*
- GEOPOLITICAL FEATURES
Why the US Cares About Somalia - *By: Allison Fedirka*
- NATIONAL INTEREST
America First' Protectionist Policies Could Endanger National Security - *By: Christopher A. Preble*
- FORBES
What To Watch For In Mexico's Upcoming Election - *By: Kenneth Rapoza*
- EL PAIS
Maduro no importa - *By: Moises Naim*
- AL JAZEERA
Israel-Lebanon maritime dispute explained - *By: Matthew Joaquin*
- THE DIPLOMAT
For Kashmir, CPEC Highlights Divisions - *By: Fahad Shah*
- C4ISRNET
Navy stands up Triton drone training facility - *By: Mark Pomerleau*
- PROJECT SINDICATE
The Macron Miracle - *By: Dominique Moisi*
- MIDDLE EAST INSTITUTE
Russia Needs Astana to Succeed - *By: Alexey Khlebnikov*

[Ao clicar sobre os títulos das reportagens, abrem-se os respectivos links]

Participamos aos nossos leitores que todos os Boletins anteriores estão disponíveis na página da Escola de Guerra Naval na internet no seguinte endereço:

<<https://www.egn.mar.mil.br/boletimgeocorrente.php>>

Nesse link também é possível cadastrar seu email para que passe a receber sempre nosso Boletim.

- **Política Argentina em perspectiva: o plano doméstico frente ao plano internacional**
 BARREIRO, Ramiro. “*Greve geral desafia Macri, anfitrião do Fórum Econômico Mundial*”, El País, 06/04/2017. http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/06/internacional/1491441490_387006.html
 CUE, Carlos É; MOLINA, Federico Rivas. “*Multidão sai às ruas na Argentina para apoiar greve de professores*”. El País, 23/03/2017. http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/22/internacional/1490212465_255060.html
- **Os novos interesses da Rússia no Caribe**
 UNSWORTH, David. Russia sends Cuba oil lifeline, filling the gap as Venezuela Collapses. Panampost. Disponível em: <<https://panampost.com/david-unsworth/2017/05/05/russia-cuba-oil-lifeline-gap-venezuela-collapses/>>. Acesso em: 11/05/2017.
 MARTIN, Karina. Russian government to help modernize its defense industry. Panampost. Disponível em: <<https://panampost.com/karina-martin/2017/04/26/russian-government-cuba-modernize-defense-industry/>>. Acesso em: 11/05/2017. Northern Edge 2017
- **Golfo da Guiné na contramão do mundo**
 OCEANS BEYOND PIRACY. *THE STATE OF MARITIME PIRACY 2016*. 2017. Disponível em: <<http://oceansbeyondpiracy.org/reports/sop>>. Acesso em: 13 maio 2017.
 SALAU, Sulaimon. *Nigeria remains hotspot as pirates kidnap 58 seafarers*. 2017. Disponível em: <<http://guardian.ng/business-services/nigeria-remains-hotspot-as-pirates-kidnap-58-seafarers/>>. Acesso em: 13 maio 2017.
- **Rumo ao mar - a estratégica ferrovia Adis Abeba-Djibuti**
 SRIDHARAN, V. *China-built rail network linking Djibouti and Adis Ababa inaugurated in African heartland*. International Business Times, 11 jan 2017. Disponível em: <http://www.ibtimes.co.uk/china-built-rail-network-african-heartland-inaugurated-1600444> Acessado em 15 mai 2017.
 WINSOR, M. *With China's Naval Base, Djibouti could become 'Africa's Singapore'*. International Business Times, 2 abr 2017. Disponível em: <http://www.ibtimes.com/chinas-naval-base-djibouti-could-become-africas-singapore-2292581> Acessado em 15 mai 2017.
- **Os desafios da renovação europeia**
 LAMINGEON, Vincent. *Défense : l'ambitieux plan de marche de Macron*. CHALLENGES. 18/03/2017. Disponível em: <https://www.challenges.fr/entreprise/defense/defense-l-ambitieux-plan-de-marche-de-macron-analyse-et-decryptage_461309>. Acesso em 14 mai 2017.
 BENNER, Thorsten e GOMART, Thomas. *Meeting Macron in the Middle: How France and Germany Can Revive the EU*. FOREIGN AFFAIRS, 08/05/2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/europe/2017-05-08/meeting-macron-middle>>. Acesso em 14 mai 2017.
- **A crise política líbia: perspectivas otimistas em um ambiente hostil**
 Nações Unidas no Brasil. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/onu-elogia-a-assinatura-historica-de-acordo-politico-da-libia-sobre-governo-de-unidade-nacional/>>. Acesso em 14.mai.2017
 GAZZINI, Claudia. *International Crisis Group. Libya: No Political Deal Yet*. Disponível em <<https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/north-africa/libya/libya-no-political-deal-yet>> Acesso em 14.mai.2017
- **Rei Salman vistia o Leste Asiático: ganhos econômicos e políticos**
Saudi Arabia and China: Strategic ties reach new heights. OPEC Bulletin, p. 52,53, 3-4/ 2017. Disponível em: <http://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/OB%2003_04%202017.pdf>. Acesso em 15 mai 2017.
 PANDA, Ankit. *What King Salman seeks in Asia*. Al Jazeera, 1 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2017/02/saudi-king-salman-seeks-asia-170228095334605.html>> Acesso em 15 mai 2017.
- **O desfile do dia da Vitória e a modernização do poder militar russo**
 LITOVKIN, Nikolai. *Why is Russia creating the biggest aircraft carrier in the world?* Russia Beyond The Headlines, [s.i], 13 abr. 2017. Disponível em: <https://www.rbth.com/defence/2017/04/13/why-is-russia-creating-the-biggest-aircraft-carrier-in-the-world_741689>. Acesso em 13 de Abril 2017.
RUSSIA to Modernize the Admiral Kuznetsov, Forego Building New Aircraft Carrier. Sputnik, [s.i]. 24 abr. 2017. Disponível em: <<https://sputniknews.com/russia/201704241052924773-russia-carrier-overhaul/>>. Acesso em 24 Abril 2017.
- **Iniciativa Belt and Road: Projeto de Potência**
 El País. *China apresenta sua nova e milionária Rota da Seda*. Disponível em:< http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/13/internacional/1494692129_532492.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM>. Acesso em 10/05/17.
 The Guardian. *China's Xi lays out \$900bn Silk Road vision amid claims of empire-building*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/may/14/china-xi-silk-road-vision-belt-and-road-claims-empire-building>>. Acesso em 11/05/17.
- **Quais são os próximos passos para a Península Coreana?**
 The Diplomat. *South Korea's 19th Presidential Election: Lessons Learned*. Disponível em: < <http://thediplomat.com/2017/05/south-koreas-19th-presidential-election-lessons-learned/>>. Acesso em 15 mai 2017.
 NK News. *N.K. gives IMO no prior notice on its missile launch*. Disponível em:< <http://english.yonhapnews.co.kr/northkorea/2017/05/16/0401000000AEN20170516004100315.html>>. Acesso em 15 mai 2017.
- **Conflito Irã-Paquistão: Consequências para a política externa do Paquistão**
 HUMA, Yusuf. Dawn. *Balancing Act*, 08 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.dawn.com/news/1331651/balancing-act>. Acesso em: 14 de maio de 2017.
 KHAN, Sattar. *Unhappy neighbors - Afghanistan, India, Iran wary of Pakistan's 'jihadist support'*, 09 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.dw.com/en/unhappy-neighbors-afghanistan-india-iran-wary-of-pakistans-jihadist-support/a-38764188>. Acesso em: 14 de maio de 2017.
- **Navios de guerra da China visitam as Filipinas**
 ABS-CBN. *Chinese ships in Davao a sign of thanks for ASEAN 'pass': ex-envoy*. Disponível em <http://news.abs-cbn.com/news/05/01/17/chinese-ships-in-davao-a-sign-of-thanks-for-asean-pass-ex-envoy>. Acesso em: 14 mai. 2017
 RT. *3 chinese warships make 'goodwill' port call in duterte's philippines hometown (photos, video)*. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/386698-china-warships-philippines-davao-port/>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

- **Índia prepara lei para expandir seus interesses na Antártica**
Zee News. *India preparing law on Antarctica, poised to expand research activities in coldest continent*. Disponível em <<http://zeenews.india.com/environment/india-preparing-law-on-antarctica-poised-to-expand-research-activities-in-coldest-continent-2003599.html>> Acesso em 13 de maio de 2017.
Gujarat National Law University. *Law of the Sea and Maritime Laws*. Disponível em <<http://www.gnlul.ac.in/centrenews/May%202015%20-%20Law%20of%20the%20Sea%20and%20Maritime%20Law%20Status%20Report.pdf>> Acesso em 13 de maio de 2017.
- **O elefante branco: WannaCry e a governança da cibersegurança**
Perlroth, Nicole; Sanger, David E. *Hackers Hit Dozens of Countries Exploiting Stolen N.S.A Tool*. New York Times. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/05/12/world/europe/uk-national-health-service-cyberattack.html?action=Click&contentCollection=BreakingNews&contentID=65287159&pgtype=article&smid=tw-nytimes&smtyp=cur&_r=0>. Acesso em 14 mai 2017.
GReAT. *WannaCry ransomware used in widespread attacks all over the world*. Securelist Kaspersky. 2017. Disponível em: <<https://securelist.com/blog/ncidents/78351/wannacry-ransomware-used-in-widespread-attacks-all-over-the-world/>> Acesso em 15 mai 2017.